

Autoestima de mães universitárias no ambiente acadêmico

Self-esteem of university mothers in the academic environment

Autoestima de madres universitarias en el ámbito académico

Victória de Quadros Severo Maciel¹, Graciela Dutra Sehnem¹, Jaquiele Jaciara Kegler¹, Fernanda Duarte Siqueira¹, Silvana Bastos Cogo¹, Denise Comin Silva Almeida¹, Giovana Batistella de Mello¹, Leandro da Silva de Medeiros², Gicelle Moraes Martelli², Giana da Rosa Beltrame¹.

RESUMO

Objetivo: Identificar o nível de autoestima das mães universitárias dos cursos de graduação de uma Instituição de Ensino Superior do interior do estado do Rio Grande do Sul. **Métodos:** Pesquisa quantitativa, desenvolvida com 31 estudantes de graduação que possuíam filhos de até dois anos de idade, realizada em uma Instituição de Ensino Superior. A coleta de dados ocorreu por meio de aplicação de questionário de caracterização e da Escala de Autoestima de Rosenberg. Os dados foram organizados no programa Epi-info® (versão 7.2.3). A análise ocorreu por meio de estatística descritiva no programa estatístico R. **Resultados:** A maioria das mães universitárias eram brancas, na faixa etária dos 20 aos 29 anos, possuía companheiro e um filho. Nos resultados acadêmicos, 22 nunca trancaram o curso e 28 não receberam nenhum tipo de assistência estudantil. Essas mulheres não participavam de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Em relação à autoestima, 21 mães universitárias possuem uma autoestima moderada. **Conclusão:** Concluiu-se que as mães universitárias enfrentam duros desafios para conciliar estudos e demandas maternas, gerando estresse, autoestima baixa, falta de ânimo para conclusão do curso.

Palavras-chave: Autoimagem, Enfermagem, Estudantes, Mães, Universidades.

ABSTRACT

Objective: To identify the level of self-esteem of university mothers of undergraduate courses of a Higher Education Institution in the interior of the state of Rio Grande do Sul. **Methods:** Quantitative research, developed with 31 undergraduate students who had children up to two years of age, carried out in a Higher Education Institution. Data collection took place through the application of a characterization questionnaire and the Rosenberg Self-Esteem Scale. Data were organized in the Epi-info® program (version 7.2.3). The analysis was performed using descriptive statistics in the statistical program R. **Results:** Most university mothers were white, aged between 20 and 29 years, had a partner and a child. In terms of academic results, 22 never dropped out of the course and 28 did not receive any type of student assistance. These women did not participate in teaching, research and extension activities. Regarding self-esteem, 21 university mothers have moderate self-esteem. **Conclusion:** It was concluded that university mothers face tough challenges to reconcile studies and maternal demands, generating stress, low self-esteem, lack of motivation to complete the course.

Keywords: Self-image, Nursing, Students, Mothers, Universities.

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria - RS.

² Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria - RS.

RESUMEN

Objetivo: Identificar el nivel de autoestima de madres universitarias de cursos de graduación de una Institución de Enseñanza Superior del interior del estado de Rio Grande do Sul. **Métodos:** Investigación cuantitativa, desarrollada con 31 estudiantes de pregrado que tenían hijos hasta los dos años de edad, realizada en una Institución de Educación Superior. La recolección de datos ocurrió a través de la aplicación de un cuestionario de caracterización y la Escala de Autoestima de Rosenberg. Los datos fueron organizados en el programa Epi-info® (versión 7.2.3). El análisis se realizó mediante estadística descriptiva en el programa estadístico R. **Resultados:** La mayoría de las madres universitarias eran blancas, con edades entre 20 y 29 años, tenían pareja y un hijo. En cuanto a los resultados académicos, 22 nunca abandonaron el curso y 28 no recibieron ningún tipo de ayuda estudiantil. Estas mujeres no participaban en actividades de docencia, investigación y extensión. Respecto a la autoestima, 21 madres universitarias presentan autoestima moderada. **Conclusión:** Se concluyó que las madres universitarias enfrentan duros desafíos para conciliar estudios y exigencias maternas, generando estrés, baja autoestima, falta de motivación para culminar el curso.

Palabras clave: Autoimagen, Enfermería, Estudiantes, Madres, Universidades.

INTRODUÇÃO

A maternidade é um processo repleto de mudanças sociais na vida da mulher e neste período, surgem novas responsabilidades e tarefas a serem desempenhadas, além de uma pressão social em torno do tornar-se mãe. Além disso, desde a gravidez, a mulher passa por períodos de transformações comportamentais, de autoimagem, mudanças hormonais do período gravídico-puerperal e alterações de seu papel social (GIORDIANI RCF, et al., 2018; SILVA MAP, et al., 2017). A participação e o acesso ao ensino superior podem ser um desafio para estas mulheres, demandando uma dupla jornada e o desempenho de múltiplas funções (GONÇALVES JP e TERNOVOE JS, 2017).

Um estudo realizado com estudantes de uma universidade na Colômbia demonstrou que os fatores pessoais e socioeconômicos se encontram, como as maiores causas de desistência universitária, ultrapassando os fatores propriamente ligados ao ambiente acadêmico. A evasão universitária e desistência de curso são as principais consequências, assim é fundamental que os gestores do ensino superior possam reavaliar estratégias para reduzir tais consequências (CHARRIS NEM, et al., 2017; GAMBIRAGE C, et al., 2021).

Por isso, destaca-se que a maternidade, como um evento pessoal, aliada aos fatores socioeconômicos e à graduação, acaba tornando-se, muitas vezes, uma experiência negativa na vida das mulheres que frequentam o ambiente acadêmico. Os estímulos estressores resultantes das experiências maternas aliados a um ambiente, possivelmente, ameaçador podem desencadear sintomas como angústia, ansiedade, baixa autoestima, frustração, tristeza e abandono, como forma de resposta da percepção pessoal da mulher (MARTINS BG, et al., 2019)

Quando se refere, especificamente, à conciliação das atribuições da maternidade com o dever de uma estudante universitária, as dificuldades encontradas parecem interferir na qualidade de formação dessas mulheres. Tais dificuldades perpassam a falta de apoio institucional, a falta de uma rede de apoio entre familiares, amigos e conhecidos, questões de carência financeira, entre opressões culturais e sociais baseadas no gênero (BOWYER D, et al., 2021).

Para mães que possuem filhos dentro da fase da primeira infância, ou seja, até dois anos de idade, considerados como lactentes, somam-se ainda exigências ligadas às necessidades básicas de saúde do lactente, como a troca de fraldas e roupas, a atenção e vínculo com a mãe, a alimentação e a amamentação materna (AM) (SOARES LS, et al., 2017).

Visando a ampliação de assistência relacionada a esta problemática, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) aprovou, por meio da Portaria n.º 193, de 23 de fevereiro de 2010, orientações para a

criação de salas de apoio ao aleitamento materno em empresas públicas ou privadas. Nessa portaria, estão garantidas as condições adequadas para o AM exclusivo à livre demanda em locais de trabalho. Porém, o direito não é estendido às mães que frequentam as universidades, submetendo-as à prática em locais inapropriados (BOWYER D, et al., 2021; BRASIL, 2010).

Ademais, compreende-se que o ciclo ou relógio reprodutivo da mulher coincide com o início do crescimento da carreira profissional. Por vezes, tal combinação pode gerar conflitos e desorganização entre trabalho, responsabilidade acadêmica e familiares culminando em altos níveis de estresse e interferência no vínculo mãe e filho (COHENMILLER A e IZEKENOVA Z, 2022).

Para tanto, por meio da manifestação de sintomas negativos, pode-se classificar essas mulheres como população suscetível ao risco de autoestima baixa. A Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), instrumento utilizado para avaliar a atitude positiva ou negativa do indivíduo em relação a si mesmo, desenvolvida por Rosenberg em 1965 e traduzida por Hutz em 2000, traz como pontos essenciais para determinar o estado de autoestima do indivíduo, o sentimento de fracasso, a autocobrança, a impotência e o medo, sentimentos negativos comumente apresentados por essas mulheres (HUTZ CS e ZANON C, 2011).

Sabendo que a Instituição de Ensino Superior (IES), cenário do presente estudo, não possui um levantamento quantitativo de mulheres estudantes dos cursos de graduação que possuem filhos, tampouco contempla políticas institucionais voltadas a esse público, o estudo buscou responder a seguinte questão de pesquisa: qual o nível de autoestima das mães universitárias dos cursos de graduação de uma IES do interior do estado do Rio Grande do Sul (RS)? E objetivou identificar o nível de autoestima das mães universitárias dos cursos de graduação de uma Instituição de Ensino Superior e caracterizar o seu perfil sociodemográfico e acadêmico.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de campo, do tipo transversal e com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Ensino Superior (IES), sediada em uma cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul (RS).

Essa IES caracteriza-se como a 2ª maior universidade em extensão territorial do país, onde possui cerca de 27.664 alunos matriculados em 264 cursos, sendo 20.973 em cursos de graduação, e conta ainda com 2.070 docentes e 2.682 técnicos administrativos em educação. conforme dados do Departamento de Registro Acadêmico (DERCA), cerca de 53% são do sexo biológico feminino (UFSM, 2019) Destaca-se que a instituição não possui o levantamento quantitativo público de alunas que possuem filhos. A coleta de informações ocorreu de março de 2020 a janeiro de 2021.

Para participar do estudo, elencou-se como critério de inclusão: mulheres que possuíssem filhos de até dois anos de idade. Acredita-se que as mães universitárias com filhos nessa faixa etária apresentam uma necessidade maior de apoio social e institucional, devido à demanda de cuidados de um lactente ser maior que de uma criança com mais de dois anos de idade. E, como critérios de exclusão: mulheres que se encontravam em trancamento total do curso e menores de 18 anos. Inicialmente, para determinar o número de alunas que possuíam filhos, foi disponibilizado um questionário pelo Centro de Processamento de Dados (CPD) via Portal do Aluno, que ficou disponível para preenchimento por todas as alunas do sexo feminino da IES de janeiro a março de 2020.

O questionário continha as seguintes variáveis: sexo, idade, quantidade de filhos, faixa etária dos filhos (caso tenha), curso e e-mail para contato. Um total de 750 mães universitárias responderam ao questionário e apenas 64 possuíam filhos dentro da faixa etária de até dois anos.

Após a assinatura virtual do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado, também por e-mail, os questionários para a coleta de dados, intitulados: “Perfil Sociodemográfico das Mães Universitárias”, “Perfil Acadêmico das Mães Universitárias” e a Escala de Autoestima de Rosenberg, traduzida e validada para a população brasileira. Participaram da coleta de dados, 31 mulheres, as quais retornaram os TCLE assinado.

A Escala de Autoestima de Rosenberg, utilizada neste estudo, foi a versão adaptada para o português por Hutz (2000) composta por dez itens destinados a avaliar globalmente a atitude positiva ou negativa do indivíduo estudado em relação a si mesmo. Os itens são respondidos em uma escala do tipo *Likert* de quatro pontos, variando entre concordo totalmente, concordo, discordo e discordo totalmente (HUTZ C, 2000).

Os dados foram digitados e organizados no programa *Epi-info*® (versão 7.2.3), com dupla digitação independente. A análise dos dados foi realizada no programa estatístico *R* (versão 3.6.1). Para análise dos dados foi utilizado a estatística descritiva. As variáveis quantitativas foram expressas por meio de medidas de tendência central e de dispersão: média, mediana, desvio padrão, valores máximo e mínimo, e para as variáveis qualitativas em frequências absoluta e relativa.

O estudo seguiu os preceitos éticos previstos na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2013). Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da IES em questão sob número do CAAE: 26487319.9.0000.5346. As questões éticas previstas compreenderam, também, o conhecimento e a assinatura do TCLE, que foi autorizado pelas participantes maiores de 18 anos com o consentimento online.

RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados os resultados, que se encontram organizados em três categorias: perfil sociodemográfico das mães universitárias; perfil acadêmico das mães universitárias; e análise descritiva da Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR).

Perfil sociodemográfico das mães universitárias

A população deste estudo está constituída por 31 mães universitárias de uma IES do interior do Estado do RS. A **Tabela 1** apresenta o perfil sociodemográfico das participantes da pesquisa.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico das mães universitárias de uma Instituição de Ensino Superior do interior do Rio Grande do Sul, Brasil, 2019 (N=31).

Variáveis sociodemográficas	Frequências	
	N	(%)
Faixa etária		
20 a 29 anos	18	58,1
30 a 39 anos	12	38,7
40 anos ou mais	1	3,2
Situação conjugal		
Com companheiro	24	77,4
Sem companheiro	7	22,6
Número de filhos		
1 filho	23	74,2
2 filhos	7	22,6
3 ou mais filhos	1	3,2
Idade dos filhos		
1-6 meses	8	25,8
7-12 meses	9	29,0
13 a 24 meses	14	45,2
Raça/Cor da pele		
Branca	24	77,4
Preta	2	6,5
Parda (morena/mulata)	5	16,1

Variáveis sociodemográficas	Frequências	
	N	(%)
Ocupação (além de ser estudante)		
Sim	12	38,7
Não	19	61,3
Renda familiar aproximada		
< 1,5 salários-mínimos	12	38,7
1,5 - 3 salários-mínimos	12	38,7
> 3 salários-mínimos	7	22,6
Religião/espiritualidade		
Sim	24	77,4
Não	7	22,6
Local de residência		
Casa do estudante	1	3,2
Moradia alugada	16	51,6
Moradia cedida	4	12,9
Moradia própria	10	32,3
Mora com		
Somente com o(s) filho(s)	3	9,1
Família	12	36,4
Amigos e/ou colegas	1	3,0
Companheiro	17	51,5
Quantidade de moradores na residência		
2 moradores	3	9,7
3 moradores	14	45,1
4 moradores	10	32,2
5 moradores	2	6,5
6 moradores	2	6,5

Fonte: Maciel VQS, et al., 2022.

Identificou-se que as participantes têm a média de idade de 29 anos (DP= 5,8), com idade mínima de 20 e máxima de 43 anos, e que o maior percentual se encontra na faixa etária entre os 20 e 29 anos (N=18; 58,1%). A maioria possuía companheiro (N=24; 77,4%) e um filho (N=23; 74,2%). A média de idade dos filhos foi de 12,7 meses (DP=7,2), com idade mínima de 2 meses e máxima de 24 meses, e grande parte encontrava-se na faixa etária dos 13 a 24 meses de idade (N=14; 45,2%).

A maior parte das mulheres participantes do estudo identificaram-se como brancas (N=24; 77,4%), não possuíam outra ocupação além de estudantes (N=19; 61,3%) e viviam com renda familiar menor ou igual a 1,5 salários mínimos (N=12; 38,7%) ou entre 1,5 a 3 salários mínimos (N=12; 38,7%). Ademais, sobre religiosidade e espiritualidade, 24% afirmaram possuir uma crença (77,4%).

Quando questionadas sobre as suas condições de moradia, 16 relataram viver em moradia alugada (51,6%), 17 com o companheiro (51,5%) e com até três moradores na mesma residência (N=14; 45,1%).

A maioria das mães universitárias deste estudo declararam-se brancas, acompanhadas e não possuíam ocupação profissional formal. Grande parte afirmou viver em moradia alugada, com o companheiro ou família, entre três ou quatro pessoas na casa, contando com a criança. Das participantes, 12 relataram possuir renda familiar de até três salários mínimos e 14 recebiam renda igual ou menor do que um salário mínimo e meio e possuíam crianças maiores de um ano. Um fator positivo para a realidade dessas mães, observado durante a pesquisa, foi que a maioria das mães universitárias afirmaram possuir alguma crença ou espiritualidade (N= 24; 77,4%).

Perfil acadêmico das mães universitárias

Neste subitem serão apresentados os resultados do perfil acadêmico das mães universitárias, que se encontram descritos na **Tabela 2**.

Tabela 2 - Perfil acadêmico das mães universitárias de uma Instituição de Ensino Superior do interior do Rio Grande do Sul, Brasil, 2019 (N=31).

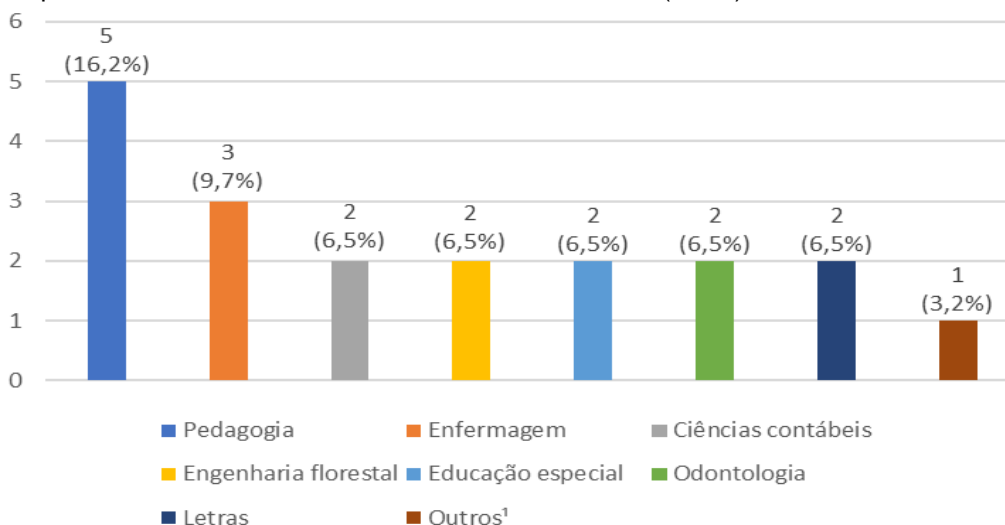
Variáveis acadêmicas	Frequências	
	N	(%)
Área do conhecimento		
Ciências da saúde	8	25,8
Linguística, letras e artes	5	16,1
Ciências humanas	8	25,8
Engenharias	2	6,5
Ciências sociais e aplicadas	5	16,1
Ciências exatas e da terra	1	3,2
Ciências agrárias	2	6,5
Semestre de graduação		
1-4 semestre	5	16,1
5-7 semestre	14	45,2
8-10 semestre	12	38,7
Trancamento total de curso		
Sim	9	28,9
Não	22	71,1
Se sim, quantas vezes		
1 vez	8	88,9
2 vezes	1	11,1
Se sim, por quanto tempo		
6 meses	8	88,9
12 meses	1	11,1
Assistência estudantil		
Sim	3	9,7
Não	28	90,3
Se sim, quais assistências		
Benefício socioeconômico (BSE)	3	50,0
Auxílio transporte	2	33,3
Auxílio material pedagógico	1	16,7
Se não recebe, já recebeu anteriormente		
Sim	7	24,9
Não	21	75,1
Participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão extracurriculares		
Sim	8	25,8
Não	23	74,2
Se não participa, motivo		
Falta de tempo	17	65,4
Problemas psicológicos	1	3,8
Opção pessoal	4	15,4
Curso EAD	2	7,7
Não respondeu	2	7,7

Variáveis acadêmicas	Frequências	
	N	(%)
Participação em congressos, jornadas, minicursos e palestras extracurriculares		
Sim	20	64,5
Não	11	35,5
Se sim, frequência aproximada por ano		
1 vez	2	10,0
2 vezes	8	40,0
3 vezes	6	30,0
4 vezes	3	15,0
20 vezes	1	5,0
Participação em eventos de lazer (festas, junções, calouradas, etc.)		
Sim	4	12,9
Não	16	51,6
Às vezes	11	35,5
Costuma levar o filho para a universidade		
Sim	4	12,9
Não	27	87,1
Se não, com quem deixa		
Na creche/escola	7	20,0
Com avós maternos/paternos	9	25,7
Com o pai	10	28,6
Fica com a própria mãe (Curso EAD, pandemia)	5	14,2
Tia	1	2,9
Babá	2	5,7
Não respondeu	1	2,9
Rede de apoio ao cuidado à criança		
Sim	13	41,8
Não	9	29,1
Às vezes	9	29,1
Já se sentiu impedida ou julgada em realizar os cuidados com o filho dentro da universidade (campus, campi, polo)		
Sim	11	35,5
Não	20	64,5
Já amamentou o filho no espaço físico público da universidade		
Sim	15	48,4
Não	16	51,6
Se não, motivo		
Desconforto	1	6,2
Amamenta na creche	1	6,2
Criança não mama no seio materno/não precisou	3	18,8
Nunca levou criança ao campus/polo	9	56,2
Não respondeu	2	12,6

Fonte: Maciel VQS, et al., 2022.

Evidenciou-se que um percentual elevado das participantes do estudo divide-se entre as áreas das ciências da saúde (N=8; 25,8%) e ciências humanas (N=8; 25,8%). Os cursos de graduação das mães universitárias encontram-se na **Figura 1**.

Figura 1 - Cursos de graduação das mães universitárias de uma Instituição de Ensino Superior do interior do Rio Grande do Sul, Brasil, 2019 (N=31).



Fonte: Maciel VQS, et al., 2021.

A partir da **Figura 1**, percebe-se que os cursos mais acessados pelas mães universitárias foram Pedagogia (N=5; 16,2%), seguido de Enfermagem (N=3; 9,7%). Com relação ao semestre do curso (**Tabela 2**), 14% referiram estar entre o 5º e 7º semestres (45,2%). Quando questionadas sobre a realização de trancamento de curso, grande parte relatou não ter trancado até o momento (N=22; 71,1%); das que relataram ter trancado (N=9; 28,9%), oito referiram trancamento apenas uma vez (N=8; 88,9%), durante seis meses (N=8; 88,9%).

Em relação à assistência estudantil, a maioria relatou não ter recebido nenhum tipo de auxílio (N=28; 90,3%); das que receberam, o benefício socioeconômico foi o mais prevalente (N=3; 50,0%). Nesta variável, tem-se um total de seis participantes (N=6) devido a possibilidade de mais de uma resposta. Ainda, quando questionadas, as participantes que não recebiam auxílio (N=28; 90,3%), 21 relataram nunca ter recebido anteriormente (75,1%).

Sobre a participação em atividades de ensino, pesquisa e extensão extracurriculares, a maioria relatou não participar (N=23; 74,2%), devido à falta de tempo (N=17; 65,4%). Já em congressos, jornadas, minicursos e palestras extracurriculares, 20 confirmaram participar (64,5%) com uma frequência aproximada de duas vezes por ano (N=8; 40%).

As participantes do estudo também foram questionadas em relação aos cuidados com a criança e a presença ou ausência de uma rede de apoio. Em relação a levar o filho junto consigo para a IES, a maioria relatou não ter o costume (N=27; 87,1%). Sobre os cuidados com a criança durante o período em que as mães universitárias se encontram em aula, os cuidadores que mais apareceram foram o pai (N=10; 28,6%), os avós (N=9; 25,7%) e as creches/escolas (N=7; 20,0%). Ainda, quando questionadas sobre a presença de uma rede de apoio ao cuidado à criança, grande parte considerou ter uma (N=13; 41,8%).

No que tange às experiências das participantes dentro do espaço físico da IES, 20 participantes relataram que nunca se sentiram impedidas ou julgadas em realizar os cuidados com o filho dentro da universidade, seja no campus, campi ou polo EAD (64,5%). Das participantes, 16 referiram nunca ter amamentado o filho neste espaço (N=16, 51,6%), devido a não terem levado a criança ao espaço da IES até o momento (N=9; 56,2%).

Análise descritiva da Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR)

Neste subitem serão apresentados os resultados descritivos referentes aos itens da Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR). Na **Tabela 3** estão apresentadas as análises descritivas das respostas das mães universitárias por itens da escala.

Tabela 3 - Análise descritiva das respostas das participantes aos itens da Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), Brasil, 2019 (N=31).

Itens da Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR)	Frequências	
	N	(%)
Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas		
Discordo totalmente	0	0,0
Discordo	1	3,2
Concordo	16	51,6
Concordo totalmente	14	45,2
Eu acho que eu tenho várias boas qualidades		
Discordo totalmente	0	0,0
Discordo	3	9,7
Concordo	18	58,1
Concordo totalmente	10	32,2
Levando tudo em conta, eu penso que eu sou um fracasso		
Discordo totalmente	9	29,0
Discordo	15	48,4
Concordo	7	22,6
Concordo totalmente	0	0,0
Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas		
Discordo totalmente	2	6,5
Discordo	3	9,7
Concordo	18	58,1
Concordo totalmente	8	25,7
Eu acho que eu não tenho muito do que me orgulhar		
Discordo totalmente	10	32,2
Discordo	15	48,4
Concordo	6	19,4
Concordo totalmente	0	0,0
Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo		
Discordo totalmente	0	0,0
Discordo	9	29,1
Concordo	17	54,8
Concordo totalmente	5	16,1
No conjunto, eu estou satisfeito comigo		
Discordo totalmente	2	6,5
Discordo	14	45,2
Concordo	10	32,2
Concordo totalmente	5	16,1
Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo		
Discordo totalmente	5	16,1
Discordo	8	25,8
Concordo	14	45,2
Concordo totalmente	4	12,9
Às vezes eu me sinto inútil		
Discordo totalmente	6	19,4
Discordo	4	12,9
Concordo	16	51,6
Concordo totalmente	5	16,1
Às vezes eu acho que não presto para nada		
Discordo totalmente	8	25,8
Discordo	8	25,8
Concordo	12	38,7
Concordo totalmente	3	9,7

Fonte: Maciel VQS, et al., 2021.

Percebe-se que nas subescalas “Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas” e “Eu acho que eu tenho várias boas qualidades”, a maioria das participantes concordou com as afirmações (N=16; 51,6% e N=18; 58,1%). Em relação à subescala “Levando tudo em conta, eu penso que sou um fracasso”, nota-se que grande parte discordou da afirmativa (N=15; 48,4%).

A maioria das mães universitárias também concordou com a subescala “Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas” (N=18; 58,1%), assim como grande parte discordou na subescala “Eu acho que eu não tenho muito do que me orgulhar” (N=15; 48,4%). Ademais, na subescala “Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo”, 17 concordaram (54,8%). Porém, na subescala “No conjunto, eu estou satisfeito comigo”, grande parte das participantes discordou (N=14; 45,2%).

No que tange à subescala “Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo”, grande parte das mães universitárias concordou com a afirmativa (N=14; 45,2%). Em contrapartida, percebe-se que grande parte das participantes concordou com as afirmações negativas, sendo a maioria em “Às vezes eu me sinto inútil” (N=16; 51,6%) e um número significativo na subescala “Às vezes eu acho que não presto para nada” (N=12; 38,7%).

Na **Tabela 4**, apresentam-se os resultados relacionados à análise da autoestima das mães universitárias.

Tabela 4 - Análise da autoestima segundo o escore da Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR), Brasil, 2019 (N=31).

Escore das respostas à EAR	Frequências	
	N	(%)
Autoestima		
Alta (satisfatória)	9	29,0
Moderada	21	67,7
Baixa (insatisfatória)	1	3,3

Fonte: Maciel VQS, et al., 2021.

Das participantes desse estudo, 21 encontravam-se com autoestima em nível moderado, ou seja, obtiveram um escore entre 20 e 30 pontos na EAR (67,7%). Ainda, a média encontrada foi de 28,80 (DP= 5,68), mediana 27 e valores mínimo e máximo, respectivamente, de 17 e 40.

DISCUSSÃO

Com relação a faixa etária, um estudo com estudantes universitários da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) confirmou a predominância de 21,3 anos de faixa etária entre alunas do sexo feminino, semelhante a este estudo (BARROS MSMR e COSTA LS, 2019).

Ademais, embora haja mudanças significativas no padrão de nascimentos no Brasil nos últimos anos, um estudo relacionado à maternidade, que analisou o comportamento desses nascimentos no país, evidenciou a chegada do primeiro filho por volta dos 20 a 24 anos de idade, em concordância com os dados obtidos neste estudo, visto que as participantes possuem um filho de forma majoritária (MIRANDA RA, et al., 2019).

Sabe-se que nesta faixa de idade a estabilidade profissional e financeira pode ainda não estar determinada e essa situação intensifica-se, ainda mais, com a maternidade associada, pois as mulheres, geralmente, possuem uma sobrecarregada maior com os cuidados do lar e dos filhos se comparado às tarefas que os homens desempenham, obtendo uma experiência de dupla jornada e tendo que lidar com o conflito entre ser mãe, provedora do lar e estudante (LOCH RMB, et al., 2021). Apesar de estudos apontarem a maternidade como uma das principais causas de interrupção e abandono do ambiente universitário por mulheres (LOCH RMB, et al., 2021; SILVA MCR e GUEDES C, 2020).

Neste estudo, a maioria das mães universitárias nunca realizou trancamento total de curso. Em contrapartida, percebe-se também que a maioria não precisa levar a criança junto consigo às aulas na universidade e que grande parte considera possuir uma rede de apoio ao cuidado à criança, deixando o

filho sob os cuidados dos pais e dos avós. Estudos evidenciam o quanto o apoio dos familiares, o aconselhamento acadêmico e a oferta de serviços psicossociais é importante para as mulheres durante o período gravídico-puerperal e, especialmente, nos primeiros anos da maternidade (BOWYER D, et al., 2021; SOARES LS, et al., 2017; MSIPU PHIRI T, et al., 2021).

A maioria das mães universitárias relatou não amamentar no espaço físico da universidade, mas também ressaltaram não se sentirem impedidas e julgadas em realizar os cuidados com a criança nesse ambiente. A ausência de políticas públicas voltadas à garantia da amamentação e do apoio dos órgãos gestores das instituições públicas é evidenciada na maioria dos estudos relacionados à maternidade durante o período acadêmico (GONÇALVES JP e TERNOVOE JS, 2017; BOWYER D, et al., 2021; SOARES LS, et al., 2017; SILVA MCR e GUEDES C, 2020; SILVA RB, 2018).

Percebe-se que a cultura social preconceituosa em detrimento da amamentação em espaços públicos afeta diretamente nesse processo. Este fator está tão enraizado na sociedade brasileira, que, por vezes, nem as próprias mulheres enxergam-no como um elemento negativo (GIORDANI RCF, 2018).

Para tanto, observa-se, no estudo, um predomínio de autoestima moderada entre as mães universitárias participantes. Outros dois estudos realizados com estudantes universitários também constataram um predomínio de autoestima moderada, porém, com médias relativamente mais baixas que as apresentadas nesta pesquisa. Um estudo realizado em uma IES do interior de São Paulo apresentou um valor médio de desvio padrão de 23,48 para níveis de autoestima (RIBEIRO RM, 2020). Reformulando assim, o estudo realizado em Teresina mostra que as mulheres apresentam níveis mais baixos referente a autoestima (FERREIRA FS e SÁ ROCHA RAS, 2021).

Ressalta-se a precariedade de estudos descritivos e de correlação entre acadêmicas que possuem filhos, inviabilizando a comparação entre resultados com esse público específico. Contudo, outra investigação com o público universitário referiu que o nível de autoestima foi significativamente maior em estudantes do sexo masculino se comparados ao sexo feminino, com influência direta das variáveis idade, renda familiar e da área de residência dessas estudantes (POLESE AG, et al., 2019).

Apesar de apenas uma mãe universitária encontrar-se com nível de autoestima baixa durante o estudo, analisando as respostas individuais fornecidas em cada item da EAR por essas mulheres, foi possível constatar que nas afirmações de caráter negativo relacionadas a sentirem-se inúteis, insatisfeitas consigo mesma, de possuírem a necessidade de maior autorrespeito, além da sensação de insignificância, foram respondidas com “concordo”. Isso levanta a hipótese que mesmo com a autoestima moderada, essas mães universitárias ainda podem ser um público de risco para a autoestima baixa.

De acordo com os diagnósticos de enfermagem, baseados na taxonomia da *NANDA* internacional para sistematização da assistência de enfermagem, dentre os possíveis riscos de saúde evidenciados nos mais diversos grupos populacionais, apresenta como população de risco para o diagnóstico “Risco de baixa autoestima situacional” indivíduos que estão passando por períodos de alteração em seu papel social, com autoexpectativas não realistas e com reconhecimento inadequado podendo, neste caso, serem incluídas as estudantes universitárias (HERDMAN TH e KAMITSURU S, 2018).

Entende-se que o presente estudo se limitou a uma IES, sendo aconselhado o desenvolvimento de pesquisas neste cunho com outras instituições, públicas e particulares nas diversas modalidades de ensino para obter-se maior aprofundamento da problemática. Ademais, o estudo proporcionou subsídios para novos estudos e possibilidades do desenvolvimento de propostas de melhoria dos espaços de ensino público no país.

CONCLUSÃO

Portanto, conclui-se que as mães universitárias enfrentam duros desafios para conciliar estudos e demandas maternas, gerando estresse, autoestima baixa, falta de ânimo para conclusão do curso, dentre outras consequências. Aconselha-se a discussão e construção de políticas públicas aos programas estudantis que possam reduzir as fragilidades evidenciadas. No que se refere aos níveis de autoestima, evidenciou-se que a maioria dessas mulheres possuíam autoestima moderada. Destaca-se ser urgente a

necessidade da realização de outros estudos voltados à temática e sobre políticas públicas e projetos que permeiam o ambiente acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade Federal de Santa Maria e Universidade Franciscana por proporcionar a troca entre os profissionais em relação à pesquisa e atualização do conhecimento em saúde, bem como a todos os envolvidos na construção deste trabalho.

REFERÊNCIAS

1. ANDRIOLA WB e ARAÚJO AC. Adaptação de alunos ao ambiente universitário: estudo de caso em cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará. *Ens Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 2021; 29(110): 135–59.
2. BARROS MSMR e COSTA LS. Perfil do consumo de álcool entre estudantes universitários. *Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas*; 2019; 15(1): 4–13.
3. BOWYER D, et al. Academic mothers, professional identity and COVID-19: Feminist reflections on career cycles, progression and practice. *Gend Work Organ.*, 2021; 19: 10.
4. BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Trata de pesquisas e testes em seres humanos. *Diário Oficial da União*. 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acessado em: 24 de junho de 2020.
5. BRASIL. Portaria nº 193, de 23 de fev 2010. Orienta a instalação de salas de apoio à amamentação em empresas públicas ou privadas e a fiscalização desses ambientes pelas vigilâncias sanitárias locais. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/prt0193_23_02_2010.html#:~:text=a%20instala%C3%A7%C3%A3o%20de%20salas%20de,na%20data%20de%20sua%20publica%C3%A7%C3%A3o. Acessado em: 19 de agosto de 2020.
6. CHARRIS NEN, et al. Permanencia y deserción versus autoeficacia de estudiantes universitarios: Un desafío de la calidad educativa. *Rev Lasallista Investig*, 2017; 14(1): 198–206.
7. COHENMILLER A e IZEKENOVA Z. Motherhood in Academia during the COVID-19 Pandemic: An International Online Photovoice Study Addressing Issues of Equity and Inclusion in Higher Education. In *H Ed*, 2022; 21:1-23.
8. FERREIRA FS e SÁ ROCHA RAS. Descrição dos Níveis de Autoestima, Autoimagem, Resiliência e Felicidade de Estudantes Adolescentes. *Revista Saúde em Foco*; Teresina, 2021; 8(2): 03-14.
9. GAMBIRAGE C, et al. Entre razões e emoções da evasão universitária, o contexto importa? Uma análise das instituições comunitárias catarinenses. *Interações*, 2021; 22(3): 715-730.
10. GIORDANI RCF, et al. Maternity and breastfeeding: Identity, body and gender. *Ciência col*, 2018; 23(8): 2731–9.
11. GONÇALVES JP e TERNOVOE JS. Desafios Vivenciados por Mulheres Universitárias de Mato Grosso do Sul, que são Mães, Profissionais e Donas de Casa. *Rev Lat Am Geogr e Gênero*, 2017; 8(2): 116–42.
12. HERDMAN TH e KAMITSURU S. Diagnósticos de enfermagem da NANDA-I: definições e classificação 2018-2020. 11th ed. Porto Alegre: Editora Artmed; 2018; 1187.
13. HUTZ CS e ZANON C. Revisão da adaptação, validação e normatização da Escala de Autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 2011; 10(1): 41–9.
14. LOCH RMB, et al. Mulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia. *Rev Estud Fem.*, 2021; 29(1): 1–11.
15. MARTINS BG, et al. Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse: propriedades psicométricas e prevalência das afetividades. *J Bras Psiquiatria*, 2019; 68(1): 32–41.
16. MIRANDA RA, et al. Baixa fecundidade e adiamento do primeiro filho no Brasil. *R bras Est Pop.*, 2019; 36: 1–18.
17. MSIPU PHIRI T, et al. Stress and coping among unmarried pregnant university students in South Africa. *BMC Pregnancy Childbirth.*, 2021; 21: 817.
18. SILVA MCRF e GUEDES C. Redes sociais e ativismo materno: desafios entre estudantes de uma universidade pública. *R Katál.*, 2020; 23(3): 470–9.
19. SILVA MAP, et al. Tristeza materna em puérperas e fatores associados. *Rev Port Enf Saú Men*, 2017; (18): 8–13.
20. SILVA RB. A prática da amamentação em mães universitárias: quais os fatores intervenientes para esse cenário? (Dissertação). Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2018; 16 p.
21. SOARES LS, et al. Vivência de mães na conciliação entre aleitamento materno e estudos universitários. *Av en Enfermeria*; 2017; 35(3): 284–92.
22. POLESE AG, et al. Relação entre as variáveis comportamentais e o desempenho acadêmico: um estudo com acadêmicos de administração e ciências contábeis. *Revista Mineira De Contabilidade*, 2019; 20(3): 6–19.
23. RIBEIRO RM, et al. Impact of self-esteem and of the sociodemographic factors on the self-efficacy of undergraduate nursing students. *Text e Context Nurs.*, 2020; 29: 1–14.
24. UFSM. UFSM em números [Internet]. Portal UFSM. 2019. Disponível em: <https://portal.ufsm.br/ufsm-em-numeros/publico/index.html>. Acessado em: 19 de agosto de 2020.